OS CONTOS DE FRANCISCO DE PAULA BRITO: FICÇÃO BRASILEIRA E EXPERIÊNCIA RACIAL

Palavras-Chave: Francisco de Paula Brito, ficção brasileira, experiência racial

Autores(as):

HAIDAR DE MOURA LIMISSURI, IEL – UNICAMP

Prof.ª Dr.ª LÚCIA GRANJA (orientadora), IEL – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Já é de nosso conhecimento que, ao publicar suas narrativas curtas de ficção no *Jornal do Commercio* em 1839, Francisco de Paula Brito já havia demonstrado não apenas domínio técnico no que se refere às construções narrativas, como também revelou ter conhecimento acerca das dinâmicas raciais da sociedade brasileira do século XIX, uma vez que trouxe mais para a superfície do texto a centralidade da escravidão, seus mecanismos de manutenção e as ideologias vigentes. Isso entendido, vamos ao desejo em dar continuidade à pesquisa.

Este projeto origina-se do interesse em dar mais visibilidade à obra de ficção de Francisco de Paula Brito, editor, tradutor e tipógrafo, que por muito tempo foi esquecido em nossa tradição literária, fato que se evidencia pelos poucos trabalhos que se detêm sobre a questão da raça e dos escritos do autor. Hoje, a elaboração de questões relacionadas à identidade negra se dá, especialmente, "pelas vozes de intelectuais negras e negros" (Monteiro, 2024, p. 5), que nos oferecem um olhar mais atento a esse debate, por isso resgatar a figura de Paula Brito como intelectual e escritor negro, pioneiro da ficção no Brasil, não apenas enriquece nossa compreensão histórica e literária, mas também insere os resultados desta pesquisa num movimento mais amplo de valorização da contribuição negra para nossa cultura.

Num país marcado pela escravidão e por teorias raciais de branqueamento, a crítica e a recepção literária brancas determinaram o que seria moralmente aceitável como literatura, como se só "à produção de autores brancos coubesse compor a literatura brasileira" (Cuti, 2010, p. 36). De acordo com Lilia Schwarcz, criou-se um imaginário popular que "vê no branco não só uma cor mas também uma qualidade social" (2012, p. 44), com o branco definindo sua própria posição e a do negro. Toni Morrison (2017) afirma, justamente, que "um dos objetivos do racismo científico é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo" (p. 27), ou seja, afirmar sua identidade ao excluir o outro.

Morrison nomeia esse processo de exclusão de "Outremização", explicando que o branco, ameaçado pela negritude, reafirma sua "normalidade" e poder com base na violência e na negação do humano ao outro:

> A urgência em distinguir entre quem pertence à raça humana e quem decididamente não é humano é tão potente que o foco se desloca e mira não o objeto da degradação, mas seu criador. (...) É como se eles gritassem: "Eu não sou um animal! Eu não sou um animal! Eu torturo os indefesos para provar que não sou fraco" (Morrison, 2017, p. 54).

É a partir dessas definições do "outro" que se estruturam os conceitos de "raça" e "racismo". Para Morrison, a literatura é "especialmente e evidentemente reveladora" (2017, p. 27) nesse processo de afirmação branca. Como veremos, Paula Brito consegue representar esse processo em suas narrativas, discutindo escravização e racismo.

W. E. B. Du Bois, em *As almas do povo negro* (2021), descreve a "dupla consciência" negra: "É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros (...) duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis" (Du Bois, 2021, p. 23). Du Bois também propõe o conceito de "véu", barreira invisível que separa negros e brancos, gerando alienação. No Brasil de 1834, Francisco de Paula Brito já reconhecia essa tensão: "Sou brasileiro, ainda que homem de cor, a principal causa por que se me faz guerra" (*O Carioca*, p. 4).

Aplicando à realidade brasileira as reflexões de Du Bois, Morrison e Schwarcz, compreendemos como Paula Brito, escritor negro e brasileiro, utilizou estratégias narrativas para figurar a experiência da escravização e afirmar sua identidade, num país que, como observa Rodrigo Godoi, deve entendê-lo "sob o prisma de sua origem africana" (2010, p. 13).

OBJETIVOS E METODOLOGIA:

Rodrigo Camargo de Godoi afirma que Paula Brito está "longe de constituir um objeto inédito" (2016, p. 24), como já indicam os trabalhos de Eunice Gondim e o volume organizado por Ramos Jr., Deaecto e Martins Filho. Assim, este projeto não pretende redescobri-lo, mas lançar luz sobre sua obra de ficção, frequentemente esquecida.

Em 1839, Francisco de Paula Brito publicou três contos no *Jornal do Commercio*. Em *O enjeitado*, descreve um assassinato brutal:

> (...) diante dos olhos dela, diante de seu pai e de seu marido, que quiseram assistir à execução, foi ele assassinado com a maior barbaridade, exercendo os dois a sangue frio, no corpo já morto, inauditas atrocidades, no meio dos mais torpes e hediondos motejos à infeliz (Paula Brito, *Jornal do Commercio*, ano XVI, n. 120, p. 1).

Essa cena revela, como propõe Morrison, que a violência era "uma das maneiras (...) para tornar palatável o caráter degradante da escravidão" (2017, p. 28). A literatura, nesse caso, opera como espaço de denúncia e elaboração simbólica de uma realidade marcada pela opressão racial. Assim, o primeiro objetivo da pesquisa é entender as estratégias de que Paula Brito, como homem negro, lança mão para negociar sua existência em uma sociedade racista.

Na seção “Correspondência” do jornal *O Carioca*, Paula Brito afirma: “Sou brasileiro, ainda que homem de cor” (1824, p. 4). A partir dessa dualidade entre identidade nacional e racial, o segundo objetivo é compreender o processo de racialização do autor e como isso se manifesta em seus contos.

Como destaca Cuti, “a literatura (...) constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas” (2010, p. 48). A escolha do que se publica, portanto, traduz relações de poder. Foucault, por sua vez, lembra que o discurso é aquilo “pelo que se luta” (1996, p. 10), o que reforça a importância de analisar o lugar de fala de Paula Brito.

Para alcançar esses objetivos, partiremos das análises críticas já existentes sobre sua ficção. A obra de Marilena Chauí nos ajuda a compreender como ideologias operam na construção do pensamento social, enquanto Foucault nos oferece instrumentos para pensar a articulação entre discurso e poder.

A metodologia se inspira no trabalho de Paulo Dutra, que afirma que parte da crítica “não fala a mesma língua do escritor” ao não considerar a afrodescendência em Machado de Assis (2022, p. 10). Também nos baseamos em Toni Morrison e Henry Louis Gates Jr., ao propor uma leitura que reconhece a presença negra na formação literária.

Pedro Meira Monteiro, ao discutir o “branqueamento” da genialidade de Machado, observa: “falamos de uma Europa que se imagina branca (...) e incontestavelmente genial” (2024, p. 3). Usando os conceitos de “véu” e “dupla consciência” de Du Bois, Meira Monteiro afirma que Machado “viveu o pêndulo entre os ideais geniais” (2024, p. 5). Aplicamos essa perspectiva também a Paula Brito, dialogando com autores como Sueli Carneiro, Fred Moten e Achille Mbembe.

Ainda que Machado seja o foco desses autores, o que nos interessa são suas metodologias. É por meio delas que buscamos revelar um Francisco de Paula Brito consciente de sua negritude e de seu pertencimento à nação brasileira, e valorizar sua produção ficcional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Com base nos objetivos propostos (compreender as estratégias narrativas utilizadas por Francisco de Paula Brito para negociar sua existência como homem negro e escritor no Brasil do século XIX, bem como refletir sobre o processo de racialização que atravessa sua trajetória), passamos agora à análise dos contos publicados por ele no *Jornal do Commercio* em 1839.

A leitura atenta dos contos *O enjeitado*, *A mãe-irmã* e *Revelação póstuma* revela elementos que ultrapassam a estrutura narrativa tradicional do século XIX, dando visibilidade a tensões raciais e sociais muitas vezes silenciadas pela historiografia literária canônica. Ao explorar essas narrativas sob a ótica dos conceitos de “dupla consciência” (Du Bois, 2021), “outremização” (Morrison, 2017) e das estruturas discursivas de poder (Foucault, 1996), buscamos evidenciar os mecanismos de resistência e de afirmação presentes na obra de Paula Brito.

Neste sentido, os resultados nos direcionam a dois momentos principais durante a pesquisa: o primeiro nos diz sobre como a violência e os mecanismos de controle social são figurados na ficção do

autor; o segundo nos revela os indícios de uma consciência racial em sua escrita, especialmente à luz da ideia de identidade tensionada entre o ser brasileiro e o ser negro.

Além das estratégias narrativas, o processo de racialização de Paula Brito também se revela na forma como ele foi retratado publicamente. Em *Negros no estúdio do fotógrafo* (2010), Sandra Sofia Koutsoukos analisa os códigos visuais que negros livres usaram para construir uma imagem social aceitável em uma sociedade racista. Segundo a autora, era necessário "tentar construir a sua imagem [...] a partir de códigos de representação e comportamento [...] dos ditos brancos da sociedade" (2010, p. 96-97). É exatamente isso que vemos no retrato estampado no livro póstumo do autor, *Poesias de Francisco de Paula Brito* (1863) (Fig. 1).

Fig. 1: Retrato estampado na edição de *Poesias de Francisco de Paula Brito*.
Rio de Janeiro: *Typographia* de Paula Brito, 1863 (livro póstumo).

A imagem mostra o autor com roupas escuras e pose europeizada, um olhar distante e sério. Segundo Koutsoukos, esse tipo de enquadramento e vestuário buscava evitar reflexos que escurecessem ainda mais o rosto, mas também visava inserir o retratado num código visual de respeitabilidade: "uma forma de tentar se esquivar dos estigmas da escravidão" (2010, p. 93). O autor sabia por que se fazia guerra contra ele: porque era "brasileiro, ainda que homem de cor" (*O Carioca*, 1824, p. 4).

A discussão visual da identidade racial também aparece no artigo de Pedro Meira Monteiro, *Machado black and blur* (2024), quando compara as imagens de Anatole France e W. E. B. Du Bois. France, com seu "infinito fingido", representa o ideal eurocêntrico do gênio literário. Já Du Bois encara diretamente a câmera, sem a distância altiva da tradição: "um olhar que nada tem de altaneiro" (Monteiro, 2024, p. 5). A comparação nos permite refletir sobre a imagem de Paula Brito: enquanto a fotografia tenta projetar um ideal de respeitabilidade branca, sua literatura aponta para uma experiência marcada pela violência, pelo pertencimento conflituoso e pela resistência simbólica.

As imagens nos revelam, portanto, mais do que a trajetória de um autor. Elas expõem as tensões entre pertencimento e exclusão, entre visibilidade e apagamento, entre identidade e imposição. Como

afirma Cuti, a literatura é um espaço fundamental para a configuração do imaginário social (2010, p. 48), e Paula Brito, com seus contos, oferece uma chave poderosa para pensar o lugar do negro na sociedade oitocentista brasileira.

CONCLUSÕES:

A análise da ficção e da representação pública de Francisco de Paula Brito revela um autor profundamente consciente das estruturas racistas de sua época e dos mecanismos simbólicos disponíveis para contestá-las. Por meio da linguagem literária e da manipulação de imagens sociais o escritor construiu uma forma de resistência que não nega os códigos dominantes, mas os tensiona a partir de dentro.

Com base na leitura de seus contos, observamos como ele figurava a violência como mecanismo estruturante da sociedade escravista e como lançava mão de estratégias discursivas para negociar sua identidade como negro e brasileiro. Já na análise da imagem fotográfica, evidenciamos, com base em Koutsoukos (2010), os códigos visuais adotados para mitigar os efeitos do racismo e projetar respeitabilidade num ambiente social hostil. A leitura comparada com os estudos de Meira Monteiro (2024) reforça como o imaginário fotográfico também é racializado e como os estereótipos de genialidade ou subalternidade atravessam as formas de representar o corpo negro.

A partir dessas observações, reafirma-se a necessidade de reler Francisco de Paula Brito como um autor cuja obra literária não pode ser dissociada de sua condição racial, nem tampouco de sua agência na construção de si mesmo como figura pública. Dar visibilidade à sua produção ficcional, portanto, é também um gesto político de reconhecimento histórico, literário e crítico.

BIBLIOGRAFIA

CUTI [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DU BOIS, W. E. B. **As Almas do Povo Negro**. Tradução de Alexandre Boide, São Paulo: Veneta, 2021.

DUTRA, Paulo. **O Machado Significadô(r): Literatura na afrodescendência**. In: Machado de Assis em Linha [online], São Paulo, v. 15, p. 1 – 17, 2022. ISSN 1983-6821. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-682120221522. Acesso em: 09 de abril de 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 3ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GODOI, Rodrigo Camargo de. **Um Editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2016.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. 357p.

MONTEIRO, Pedro Meira. **Machado *Black and Blur*: a racialização do autor**. In: Machado de Assis em Linha [online], v. 17, p. 1 – 25, 2024. ISSN 1983-6821. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-68212024171. Acesso em: 09 de abril de 2024.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**. 1ª ed. Tradução de Fernanda Abreu, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PAULA BRITO, Francisco de. **"Correspondência"**. In: *O Carioca: Jornal Político, Amigo da Igualdade, e da Lei*. Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1834, n. 12, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=701319&pagfis=61. Acesso em: 28 de abril de 2024.

_____. **O enjeitado**. In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 28 de maio de 1839, ano XIV, n. 198, p. 1 e 2; 29 de maio de 1839 ano XIV, n. 120, p. 1, 2, e 3. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.